



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA...
CAMINHOS PARA O (RE)DESCOBRIR DA INFÂNCIA NO DIÁLOGO COM A
EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA CLARA DE SÁ CARVALHO

RIO DE JANEIRO

2016

1

COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA...
CAMINHOS PARA O (RE)DESCOBRIR DA INFÂNCIA NO DIÁLOGO COM A
EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA CLARA DE SÁ CARVALHO

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de
Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro

Novembro

2016

2

COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA...
CAMINHOS PARA O (RE)DESCOBRIR DA INFÂNCIA NO DIÁLOGO COM A
EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA CLARA DE SÁ CARVALHO

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Adriane Ogêda Guedes
Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

(Carl Jung)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, Maria e Sebastião, e a meu irmão, João Victor, sempre incansáveis, me auxiliando nas conquistas de minha vida e nunca me deixando desistir ao longo de todo percurso, com palavras de incentivos, caronas para casa e esperas no ponto de ônibus deserto, mostrando a importância da família.

A minha vó Maria, por ser meu grande exemplo de força e perseverança e me mostrar desde sempre que somos guias dos nossos destinos. E que com foco e força, sempre os atingimos nossos objetivos. Uma rainha em minha vida, no qual dedico toda minha vida e formação.

Aos meus avós paternos, Alda e Valdir que mesmo sem ter a oportunidade de conhecê-los com vida, tenho certeza que estão em outro plano, felizes pelas minhas conquistas.

A minha pequena sobrinha Lis. Uma florzinha esperta e curiosa, que despertou em mim o interesse pelo tema, a partir de seu ingresso no primeiro segmento da Educação Infantil. Uma criança que com os olhos cintilantes inspira a todos.

Aos grandes professores que passaram pela minha formação, desde minha infância, plantando as sementes do saber, sendo cruciais no meu caminhar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ser a razão suprema de nossa existência e evolução de nosso ser.

Aos meus pais por não medirem esforços, abdicando de muitas coisas pela minha criação e formação. E por aguentarem minhas “indelicadezas” durante a construção deste trabalho.

Ao meu irmão pelo incentivo e pelas vezes que me esperou no ponto de ônibus a noite, na volta da universidade.

A todos os meus familiares e amigos, pelo apoio em todos os momentos e palavras de incentivo.

A minha amiga e cunhada Andressa, por me acompanhar na vida, nas jornadas noturnas e na vida acadêmica, nas quais partilhamos experiências, alegrias e desesperos.

Aos amigos da UNIRIO, pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida. Em especial para Marianna, Edna, Rayanne, Alessandra, Juliane, Cecilia, Ariane, Celso, Rafael, Vivianne, Letícia, Renata e Rafaela.

A todos os professores que fizeram parte dessa minha caminhada, desde o Ensino Fundamental, que me proporcionaram grandes aprendizados e uma enorme inspiração.

Ao meu orientador mais perfeito de todos, Marcio Berbat, pelo empenho, paciência, compreensão, fofura e credibilidade, obrigada por tudo.

A professora Adrienne Ogêda Guedes por ter aceitado, generosamente, ler e avaliar este trabalho.

Certamente estes parágrafos não atenderão a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida, desde já peço desculpas e expresso minha gratidão.

MARIA CLARA DE SÁ CARVALHO. COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA... CAMINHOS PARA O (RE)DESCOBRIR DA INFÂNCIA NO DIÁLOGO COM A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasil, 2016, 69 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, a partir de vivências de um grupo de estagiárias do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) numa escola privada, investigar e refletir sobre a importância do planejamento de espaços, rotinas e brincadeiras na Educação Infantil. É por meio da organização de espaços dentro e fora de sala, de rotinas flexíveis e individualizadas e de momentos brincadeiras que promovem interação com os espaços e o outro, que as crianças ampliam os conhecimentos sobre si e o outro, assim como tudo que está ao seu redor. As instituições que levam em conta em seu fazer pedagógico esses três fatores, muito tem a oferecer as suas crianças. A partir da experiência deste grupo, no qual também estou inserida, nesta escola de Educação Infantil, dialoga-se com a organização da escola, a experiência de cada estagiária com os grupos, e as questões relativas a rotina, espaço e brincadeiras, pensando e integrando com documentos oficiais, como RCNEI e DCNEI e autores da área, como Corsino, Vygotsky, entre outros, na busca por interpretações, respeitando o contexto da escola, criança e comunidade envolvida na educação infantil.

Palavras-chave: espaço; rotina; brincadeira.

MARIA CLARA DE SÁ CARVALHO. COMO SE FORA BRINCADEIRA DE RODA... CAMINHOS PARA O (RE)DESCOBRIR DA INFÂNCIA NO DIÁLOGO COM A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasil, 2016, 69 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ABSTRACT

This work has as objective, from the experiences of a group of trainees of the degree course in pedagogy at the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) in a private school, investigate, and reflect on the importance of space planning, routines and play activities in Children's Education. It is through the organization of spaces inside and outside of the classroom, routines are flexible and individualized, and of moments games that promote interaction with the spaces and the other, that the children expand the knowledge about themselves and the other, as well as everything that is around you. The institutions that take into account in their pedagogical practice and these three factors, a lot of it has to offer your children. From the experience of this group, in which I am also entered in this school, Children Education, they are in dialogue with the organization of the school, the experience of each intern with the groups, and questions about the routine, space and play, thinking and integrating with official documents, such as RCNEI and DCNEI and authors of the area, such as Corsino, Vygotsky, among others, in the search for interpretations, respecting the context of school, child and community involved in early childhood education.

Keywords: space; routine; play.

ÍNDICE DE SIGLAS

BRT – Bus Rapid Transit/Transporte Rápido por Ônibus

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

EI – Educação Infantil

FAETEC – Fundação de Apoio a Escola Técnica

PPP – Projeto Político Pedagógico

RCNEI – Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – novembro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As brincadeiras: Grupo C. Lego no parque aquático** – Maria Clara de Sá Carvalho.

Fotografia 02 – novembro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As brincadeiras: pátio. Grupo D** – Juliane Faria de Oliveira.

Fotografia 03 – novembro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As brincadeiras: elásticos. Grupo D** – Juliane Faria de Oliveira.

Fotografia 04 – outubro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As rotinas: aula de música Grupo B** – Edna Braga Pereira.

Fotografia 05 – setembro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **Grupo D: Explorando fora da escola – Jardim Zoológico** – Alessandra Fernandes da Silva Garrido.

Fotografia 06 – outubro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As rotinas: aula multimeios Grupo C. Momento contação de histórias** – Maria Clara de Sá Carvalho.

Fotografia 07 – outubro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As rotinas: aula de artes Grupo C. Trabalhando o projeto** – Maria Clara de Sá Carvalho

Fotografia 08 – novembro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **Os espaços: o parquinho Grupo B** – Alessandra da Silva Garrido.

Fotografia 09 – dezembro, 2015 – Escola Manuel Gonçalves da Costa – **As brincadeiras: projeto Brincadeiras de quintal. Grupo C** – Maria Clara de Sá Carvalho.

SUMÁRIO

Resumo	07
Introdução	12
Capítulo 1: “Mil acasos me levam a você”: Buscando o caminho.	
1.1: De Enfermeira a Pedagoga: Do encantamento pelas crianças ao encantamento pela docência	14
1.2: A Educação Infantil – Um encontro, uma paixão	17
Capítulo 2: Apresentando a escola observada no Estágio Supervisionado... Da Escola aos Grupos.	
2.1: Como chegamos à escola?	21
2.2: Conhecendo a escola: Primeiras informações	22
2.2.1: A História geral da escola	22
2.2.2: A Estrutura e a equipe de Educação Infantil	24
2.2.3: O Projeto Político Pedagógico	26
2.3: Um pouco dos grupos observados pelas estagiárias da UNIRIO	29
Capítulo 3: Com a palavra, as estagiárias: Os espaços, as rotinas e o brincar, como meios para o desenvolvimento na Educação Infantil. Percepções, experiências e situações de discentes da UNIRIO acerca da experiência.	
3.1: “De canto a canto” – Refletindo a importância do planejamento de espaços na Educação Infantil para o desenvolvimento	32
3.2: “De hora a hora” – Refletindo a importância da rotina na Educação Infantil para o desenvolvimento.	42
3.3: “Quem me chamou? Vem brincar de viver” – As brincadeiras no processo de desenvolvimento infantil.	46
Considerações Finais	53
Referências Bibliográficas	55
Anexo A: Entrevista com estagiárias	57
Anexo B: Fotografias	59
Anexo C: Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome	62

Introdução

Será que organizar os espaços e a rotina na Educação Infantil é necessário? Será que a brincadeira nesses locais de atendimento a essas crianças é importante? O planejamento de rotinas, espaços e brincadeiras ajudam no desenvolvimento dessas crianças?

Esses foram os principais questionamentos deste trabalho, que levantaram a temática do mesmo: A importância do planejamento de espaços, rotinas e brincadeiras para o desenvolvimento no primeiro segmento da Educação Infantil, tendo como objetivo refletir – através de vivências de um grupo de estagiárias da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e a minha própria – o quanto importante é esses três pontos, no pensar e na ação pedagógica da Educação Infantil.

Para refletir sobre essa questão, além de estudos bibliográficos sobre espaços, rotinas, brincadeiras e o desenvolvimento infantil, este último sob a perspectiva construtivista, foi utilizada a experiência de quatro discentes da UNIRIO – a minha e mais três colegas – durante um estágio supervisionado em Educação Infantil, numa escola privada da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

No primeiro capítulo, é relatada minha própria história, partindo de algumas memórias da minha infância, nas quais a brincadeira foi o eixo central de meu desejo de trabalhar com crianças, até o encontro com minha grande paixão: a docência e a Educação Infantil. Neste capítulo, aborda-se a forma como cheguei ao curso de licenciatura em pedagogia e como me interessei pelo tema deste trabalho, a partir das disciplinas do eixo de Educação Infantil, dentre elas o estágio supervisionado, que permite conciliar teoria e prática.

No segundo capítulo, expõe-se primeiramente a maneira a qual as estagiárias da UNIRIO e eu, também estagiária, conhecemos e fomos recebidas pela escola objeto de estudo, para início de observação – caráter este, indispensável – na disciplina de estágio curricular obrigatório do curso de licenciatura em pedagogia. Por questões burocráticas essa escola, assim como os grupos, receberam nomes fictícios.

Para entender melhor a escola na qual ocorreu a experiência das estagiárias da UNIRIO, foi abordado – como resultado de uma pesquisa de campo, tendo por base informações do corpo da escola e materiais fornecidos na ocasião em que ocorreu a

experiência de estágio – ainda neste capítulo, um breve resumo sobre a história, a estrutura, o corpo docente que compõe a Educação Infantil e o Projeto Político Pedagógico (PPP) desta escola.

Posteriormente, apresentam-se os Grupos/turmas que cada uma das estagiárias observou. Essa apresentação se dá sob o olhar de cada discente/estagiária, a fim de se conhecer um pouco mais os grupos e também as experiências que serão apresentadas no capítulo posterior a este. Cabe ressaltar que a coleta de informações ocorreu através de conversas com as estagiárias, além das informações contidas em seus relatórios de estágios e cadernos de campo, bem como uma entrevista, anexada a este trabalho.

No terceiro capítulo, com o suporte das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (DCNEI), dos Referenciais Curriculares da Educação Infantil (RCNEI) e de autores como Sonia Kramer, Vygotsky, Patrícia Corsino, Ângela Borba, entre outros, e também com base na análise de dados colhidos, narrativas, fotos e diários de campo das estagiárias da UNIRIO, inicia-se a discussão sobre o tema de centralidade do trabalho que é a importância do planejamento de espaços, rotinas e brincadeiras para o desenvolvimento no primeiro segmento da Educação Infantil.

Por fim, ao final, encontra-se em anexo, o questionário realizado com as estagiárias e algumas fotos de alguns momentos grupos observados, com a intenção de enriquecer o trabalho e mostrar os momentos dessa experiência.

Capítulo 1

“Mil acasos me levam a você”: Buscando o caminho

“... Mil acasos me levam a você. No início, no meio ou no final. Me levam a você. De um jeito desigual. Mil acasos apontam a direção. Desvio de rota é tão normal. Mil acasos me levam a você...”

(Samuel Rosa)

1.1: De Enfermeira a Pedagoga: Do encantamento pelas crianças ao encantamento pela docência

Parece bobagem como alguns pequenos trechos da infância nos marcam profundamente. Lembro-me de quando era pequena. Além de admirar a vida das formigas, de segurar a pipa para o meu irmão soltar, brincar de boneca e de fazer comidinha, a brincadeira de médica era uma das minhas maiores aventuras infantis.

Recordo-me de um brinquedo que tinha, uma espécie de kit médico, com um estetoscópio que pra mim era apenas o “troço de ouvir o coração”, um termômetro, uma espécie de xarope... Eu só precisava deles e da minha boneca com cara rabiscada e cabelo laranja cortado, para ser a pediatra mais eficiente da face da terra. Passava horas e horas, no meio do meu “consultório” (qualquer canto da minha casa), curando todos aqueles pequenos bebês, sempre com minha sala de espera lotada de bonecas, às vezes com as suas mães, minhas amigas, afinal eu era a renomada doutora Maria Clara.

E assim acendeu-se a chama do meu primeiro sonho infantil: ser médica! Não uma médica qualquer, mas sim, uma médica de bebês.

E esse sonho, foi crescendo pouco a pouco, junto comigo. Via na televisão aquelas crianças passando fome. Lembro-me de quando vi o Hospital do Câncer pela primeira vez; de quando via qualquer situação de crianças doentes. Sempre nesses momentos, eu pensava: “no dia em que for médica, curarei todas elas”.

Além disso, sempre alimentei dentro de mim uma paixão descomunal por crianças. Sempre fui curiosa em saber como elas cresciam tão rápido, como aprendiam a

falar, a andar, a escolher o que queriam, como aprendiam a querer, como e por que seus dentinhos nasciam e caiam, e muitas coisas mais.

Era incrível ver como os bebês da família – e nunca foram poucos – cresciam de uma maneira tão rápida. A cada encontro numa reunião ou data festiva, eram várias coisas novas que encontrava neles... Eles me fascinavam tanto quanto as formigas; e pareciam gostar tanto de mim, quanto eu deles.

E assim eu fui crescendo, com o sonho de cuidar de bebês bem guardados!

Após o término do ensino fundamental, me vi em meio de uma difícil escolha. De um lado, a escola do Estadual mais próxima, com tantos problemas estruturais; de outro, realizar uma prova para uma escola que me daria “uma boa base” e que, segundo os meus pais, era o melhor para mim. De quebra, essa segunda opção, me dava uma segunda escolha: um curso técnico a seguir.

Escolhi a segunda opção, pois como, desde o Jardim de Infância até a conclusão do Ensino Fundamental, estudei nas melhores escolas municipais do bairro, não poderia deixar de concluir o Ensino Médio na melhor escola estadual da área, a da rede FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica), que me daria, segundo meus pais e parentes, uma educação de qualidade e preparatória para o mercado de trabalho.

E essa segunda opção veio recheada com outra escolha: o curso técnico a seguir. Foram muitos critérios para a escolha deste, como mercado de trabalho, opinião dos tios mais velhos, influência do irmão maior, que também fazia este curso numa unidade particular... e o velho sonho infantil, guardado numa caixinha, dentro de mim. O mais próximo de ser médica, era ser uma enfermeira, e o mais palpável no momento, era ser técnica em enfermagem.

Depois das escolhas feitas, um objetivo: passar na prova. A escola foi de grande ajuda no processo, pois foi lá onde obtive informações sobre inscrição, onde os professores nos prepararam para realizar a prova. Cuidaram e atentaram sutil e cuidadosamente de cada detalhe, e foram peça fundamental no êxito de muitas das aprovações que ocorreram nas turmas de nono ano.

Enfim passei! Dei meu grande primeiro passo aos quinze anos de idade para me tornar uma grande Pediatra, já não mais uma médica de bebês, mas sim uma profissional competente.

Cursando durante três anos, fazendo estágios e diversas disciplinas, ia

confirmando cada vez mais a minha admiração. As disciplinas de saúde da mulher e saúde da criança eram assunto certo dentro de casa. O estágio na área materno infantil era prazeroso. Do Hospital Maternidade Alexander Fleming ao Hospital Maternidade Herculano Pinheiro, milhões de histórias, milhões de aprendizados e bebês fofinhos... O trânsito conturbado pelo início das obras do BRT (Transporte Rápido por Ônibus) nem me incomodava. Pois ia para o lugar que mais me agradava ficar.

Admirava-me ao ver aqueles fofos bebês que, recém-chegados ao mundo, já eram tão espertos; a maneira como os bebês internados se desenvolviam rápido; como eles pareciam depois de um ou dois meses, já bem espertos e gordinhos. Tudo isso me encantava profundamente, e cada vez estava mais convicta do meu desejo de estar com bebês.

Até que, no meio do terceiro ano, me deparei com outra difícil escolha: cursar uma universidade com curso de medicina. Os cursos de medicina eram caros, as vagas públicas concorridas e com cursos integrais. Meu sonho de ser pediatra esfriou. Minha segunda opção era ser enfermeira, mais precisamente, enfermeira pediatra. Mas naquela altura, movida por mudanças e uma série de confusões bem típicas da idade, começava a rever esse ponto. Será que estaria de fato preparada para lidar com a vida e o lado belo de cuidar de bebês no hospital, mas também com o lado ruim? Sinceramente, naquele momento eu não sabia dizer.

Fiz a prova naquele ano decidida a fazer Enfermagem, pois era difícil escolher outro caminho aquela altura do campeonato. Estudei, fiz a prova, e até obtive sucesso. Uma boa nota, uma vaga para uma universidade pública que perdi, por não manifestar interesse e uma vaga para com 100% de desconto numa universidade particular que também não consegui por não ter ficado pronto o certificado de conclusão do Ensino Médio, tão pouco a publicação no Diário Oficial. Um sinal? Talvez. O único que sei, é que por alguma razão decidi não cursar nada aquele ano. Consegui convencer meus pais que, depois de três anos estudando de forma integral merecia um descanso. Tudo no seu tempo.

Durante esse tempo, enjoei de ficar “à toa”. Surgiu, não recordo como, a oportunidade de dar aulas particulares para crianças. Comecei com as gêmeas, e depois fui aumentando a quantidade de “alunos”. As mães me recomendavam umas para as outras. Muitos me diziam que estava fazendo um ótimo trabalho. E com isso fui

“tomando o gostinho”; beber do néctar da docência é viciante. Cada dúvida sanada, cada pequeno sucesso, cada “nota azul” delas me deixava cada vez mais feliz.

Foi nesse quase um ano de experiência com aulas particulares que encontrei um novo curso em minha vida. No verdadeiro sentido da palavra. Encontrei-me com a docência, para a surpresa de uns, para o orgulho e incentivo de outros, que me diziam que eu seria uma excelente pedagoga, pois eu tinha a sensibilidade e a perspicácia necessárias para isso.

Foi então que, no ano seguinte, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) novamente, com menos pressão e preparo do ano anterior, e escolhi cursar Licenciatura em Pedagogia na UNIRIO, por influência de minha cunhada, que cursava Serviço Social no mesmo campus.

1.2: A Educação Infantil – Um encontro, uma paixão

Ao começar a cursar Licenciatura em Pedagogia, a única certeza que tinha era que minha possível área era a Educação Infantil, porque é junto das crianças, que encontro o sentido de felicidade.

Meu encontro com a Pedagogia em si, foi imerso em inúmeras descobertas. No início do curso, me redescobria em mim mesma, tentava reafirmar se estava no caminho certo, afinal era difícil romper com aquele sonho enraizado desde a infância. Cursando algumas disciplinas do primeiro período, encontrava pontos que abordavam a psicologia infantil e algumas questões de educação e saúde. Nelas, podia desvendar minhas curiosidades infantis, de como a criança se desenvolvia de maneira tão rápida nos primeiros anos de vida. Eram momentos prazerosos, dos quais pude absorver muitas informações cruciais.

Fui caminhando ao longo dos três primeiros períodos encontrando nas disciplinas de Psicologia e Educação, Educação e Saúde, Psicologia da Infância e Pensamento e Linguagem pontos que esclareciam minhas premissas e me envolviam pouco a pouco no mundo da educação infantil. Descobrir as fases do desenvolvimento, sob a perspectiva de diferentes autores; descobrir como se dá o processo de linguagem e pensamento da criança; a forma que ela se desenvolve...

O projeto de extensão o qual participei, iniciando no 3º período e permanecendo

até o 7º, me deu a oportunidade de aprofundar ainda mais o estudo sobre o desenvolvimento infantil, visto que o projeto era de inclusão social e estimulação precoce de crianças especiais de zero a seis anos. Nele tive a oportunidade de atender muitas crianças, aprender muito com elas e realizar muitos estudos.

Mas foi somente na disciplina de Educação Infantil, no quarto período que de fato me encontrei. Fascinava-me com cada palavra e com cada texto. Os encontros passavam, e compreendia mais as diversas necessidades e direitos acerca desse segmento educacional. Percebi a criança como um ser de direitos, singular, em completa interação com o meio, alterando e sendo alterado pela sociedade o qual está inserido. Vi o quanto é importante a capacitação para a Educação Infantil. Percebi que na maioria das escolas, infelizmente, pouca importância dão para isso, visto que a capacitação dos profissionais – grande parte formada por mulheres – é a mínima exigida.

Compreendi também as diversas concepções de infância; a importância de uma boa capacitação na fase mais crucial do desenvolvimento, aquela em que mais nos construímos como seres vivos, e na qual se deve ter significativa atenção e preparo para oferecer o melhor para cada um desses pequenos indivíduos; e principalmente a importância de assegurar a esse(s) pequeno(s) ser(es) o direito a brincadeira, afinal, esta é de suma importância no processo de desenvolvimento, visto que, quanto mais experiências lúdicas a criança tiver, maior será as suas chances de se apoderar naturalmente da cultura na qual se insere.

Concomitante a essa disciplina, cursava uma optativa chamada “Literatura na Formação do leitor”. Foi a partir dela que recordei minha infância em muitos momentos. De que quando pequena, me deleitava nos contos clássicos; adorava ouvir e ler a história do Peter Pan. Acredito que pelo desejo que tinha de ser como ele. Divertia-me com as aventuras da Fada Cara Luz, do livro “A Fada que tinha Ideias”. Uma fada muito esperta que odiava ver o mundo parado, sem invenções. Essa disciplina também impulsionou meus desejos, me mostrando que, como uma criança, deve manter intactas minha curiosidade e ludicidade.

No primeiro semestre de 2015, cursei a disciplina de Ciências Sociais na Educação I e, concomitante a ela, pude observar informalmente o funcionamento de uma creche privada, durante o Estágio curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nessa disciplina, pude perceber o quanto o planejar dos espaços e das rotinas são importantes para o desenvolvimento infantil, mais ainda, quando esse planejamento tem em seus fundamentos a brincadeira que conforme aprendi, ao longo das disciplinas que abordam esse segmento da educação, é uma das mais importantes formas de mediação para o (re) descobrir na infância. E as observações nessa creche, nos horários vagos do estágio oficial, reforçaram ainda mais essas ideias, e abriram um novo pensar sobre as questões abordadas na disciplina, visto que lá, pude observar o caso de uma “criança-problema”, que vinha a ser sobrinha de uma grande amiga, caso diretamente ligado com as questões de espaço, rotina e brincadeiras desta creche.

No sexto período, tive a honra de realizar meu Estágio Supervisionado em Educação Infantil, numa escola privada da zona Sul do Rio de Janeiro. Fiquei impressionada de ver o quanto a teoria do nosso curso de Licenciatura em Pedagogia conversava com a prática da escola.

E foi nesse exato momento que confirmei meu caminho e encontrei minha paixão. A experiência com aqueles 13 pequeninos me conquistou por completo, me enlaçando e roubando meu coração por completo. E com o estágio concluído, com carga horária completa, algumas horinhas extras e um gostinho enorme de quero mais reforçaram ainda mais meus ideais, me encontrei. Por fim! Encontrei meus rumos, os acasos me levaram a verdadeira estrada a qual pretendo seguir com profundo orgulho, dedicação e amor.

Nesse instante, decidi finalmente o tema do meu trabalho de conclusão de curso: Refletir sobre a importância do planejamento de espaços, rotinas e brincadeiras para o desenvolvimento no primeiro segmento da Educação Infantil, discutindo planejar espaços e rotinas, o trabalhar com os segmentos iniciais da Educação Infantil, o papel de mediador do professor, dos espaços e dos objetos, que auxiliam a criança nesse processo de (re)descobrir (se), a partir da experiência desse estágio de Educação Infantil, não somente a minha, mas também de três colegas da UNIRIO, companheiras de turma, que também realizaram o estágio supervisionado também nesta unidade escolar e prontamente, após o meu pedido, aceitaram contribuir com esse trabalho.

Por fim, cabe ressaltar primeiro que escolha dessas três colegas para compor este trabalho de conclusão de curso, junto com minha experiência, foi entorno do fato de que estas observaram grupos com faixa etária menor que três anos de idade, que compõem o primeiro segmento da Educação Infantil, enfoque deste trabalho. As nossas experiências,

serviram como subsídio para pensar a questão que envolve essa pesquisa. Segundo reforçar que, para a realização desta pesquisa, utilizei como instrumentos os diários de campo e relatórios de estágio, cedidos gentilmente pelas estagiárias, além de registro de conversas que tive com cada uma delas e o questionário, utilizados para coletar maiores informações.

Capítulo 2

Apresentando a escola observada no Estágio Curricular Supervisionado...

Da Escola aos Grupos

2.1: Como chegamos à escola?

No segundo semestre de 2015, nos inscrevemos na Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Éramos uma turma de estágio grande, na qual a grande maioria não tinha muita experiência com crianças pequenas. Em nosso primeiro encontro, a professora nos passou as principais informações da disciplina, fechamos coletivamente a data dos encontros, a bibliografia utilizada e ela nos passou a lista de documentos para unidades públicas e privadas, além das escolas as quais poderíamos estagiar. Porém realizar o estágio nessas escolas não era de caráter obrigatório.

Dentre as escolas mencionadas, a professora de estágio citou a Escola Manuel Gonçalves da Costa¹. A princípio essa escola chamou o interesse de alguns discentes da turma de estágio, devido à proximidade com a UNIRIO. A professora solicitou que sua monitora conseguisse uma reunião com a coordenadora pedagógica da Educação Infantil, para que pudéssemos ir, junto com ela, conversar e conhecer a escola, para posteriormente iniciarmos a experiência de campo do estágio.

No dia da reunião, fomos recebidos muito bem. Éramos um grupo de sete discentes. Quem nos recebeu foi a coordenadora. Ela nos contou um pouco sobre a escola, falou das propostas da educação infantil, nos contou sobre como os grupos eram divididos, sobre os projetos de cada um deles, o total de grupos da educação infantil, as atividades que realizavam – atividades curriculares e extracurriculares. Falou-nos também de maneira geral, do Ensino Fundamental, das reuniões pedagógicas e da relação entre o corpo docente e as famílias.

Posteriormente, nos informou quando poderíamos começar a estagiar e como poderíamos entregar a documentação. Apresentou-nos os grupos disponíveis, nos dando

1

Nome fictício dado à escola observada pelas estagiárias de Educação Infantil da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

inclusive a oportunidade de escolher qual a faixa etária que gostaríamos de observar.

Duas discentes escolheram que ficariam com os grupos/turmas com a faixa etária de um ano de idade, duas com os grupos/turmas dois anos de idade em média e duas com os grupos/turmas composto por crianças de cinco anos.

Após as nossas escolhas, ela nos foi dividindo com relação às professoras dos grupos/turmas, anotando isso numa ficha que seria anexada na secretaria da Unidade de Educação Infantil, nos solicitando também, para anotar nessa ficha, os dias na semana em que iríamos acompanhar o grupo.

Fomos então convidados a conhecer o espaço da escola. De fato ela era muito grande e bem subdividida. Conhecemos não só a parte voltada para a educação infantil, como também a dos Ensinos Fundamental e Médio. Conhecemos também as salas, as professoras e os grupos/turmas os quais cada um de nós ficaria. Fomos apresentados e recebidos por estes com um largo sorriso, uma simpatia sem tamanho.

Em suma, a experiência da escolha ao nosso “acolhimento” por parte da escola foi muito agradável, nos dando a sensação de boas vindas, como se a partir daquele momento, formássemos parte daquele local. Desde a portaria da escola fomos muito bem tratados por funcionários com simpatia, educação, organização e profissionalismo ímpar.

2.2: Conhecendo a escola: Primeiras informações

Na primeira reunião que realizamos na escola, nos foi passada grande parte das informações necessárias sobre a escola, como estrutura, Projeto Político Pedagógico (PPP), história da escola, entre outros.

2.2.1: A História geral da escola

No que diz respeito à origem, segundo as informações da própria instituição, a Escola Manuel Gonçalves da Costa foi criada em 1969, iniciando seu primeiro ano letivo no ano seguinte. Era uma escola que atendia o público de Educação Infantil, e que criou inicialmente somente turmas com crianças na faixa etária de dois anos de idade e, após dez anos de sua criação, conforme foi estendendo seu atendimento, formou sua primeira turma de oitava série – atual nono ano.

Ela foi concebida por um grupo de estudantes de psicologia, alguns deles atuantes na rede pública de ensino. É uma escola que teve suas origens fundamentadas na psicologia, principalmente no que diz respeito as teorias do desenvolvimento afetivo e cognitivo. Por essa razão, pauta seus ideais em teorias de motivação, liberdade de escolha e relações interpessoais.

Um fator interessante é que a escola possuía valores contraditórios ao período o qual se inseria. A criação dessa instituição foi em um momento no qual passávamos pela Ditadura Militar, um período marcado pela censura e o clima era de pura tensão, no qual não havia liberdade de expressão. O surgimento dela, foi portanto, uma espécie de resistência e contestação, uma resistência da educação.

Em suma, a Escola Manuel Gonçalves da Costa é uma escola que tem por objetivo ser um espaço de liberdade e construção de senso crítico. Foi criada em um período crítico como um meio de resistência a censura e a tortura, com princípios contrários ao contexto, voltados para a construção crítica e enfrentamento dos conflitos.

Durante as décadas de 70 e 80, a Escola Manuel Gonçalves da Costa foi aperfeiçoando o seu atendimento ao público do segmento de educação Infantil e Ensino fundamental. Pensando, repensando e executando questões relacionadas a aprendizagem e a função social da escola. Inovando métodos de ensino/aprendizagem, assim como avaliação. A escola, segundo informações, nesse período, buscava pensar na sua função cidadã, no compromisso de promover, através da prática, o poder de transformação que parte de cada indivíduo em um prol coletivo. Esse compromisso é primordial para a participação de todos e o exercício da democracia no ambiente escolar.

O Ensino Médio da Escola Manuel Gonçalves da Costa só surgiu na década de 90. Esse segmento demorou mais para surgir, segundo informações coletadas, porque era preciso, primeiro, fortalecer e fundamentar os princípios institucionais.

Nessa década, também foi realizada a reformulação curricular da Escola Manuel Gonçalves da Costa. Foi feita a mobilização da equipe pedagógica, para definir questões relacionadas a atitudes e definições de conceitos a serem desenvolvidos e executados. Segundo as informações, foi um momento marcado de intenso estudo e interação entre as equipes. Foi desse processo que surgiu o primeiro Projeto Pedagógico e o Currículo da Escola Manuel Gonçalves da Costa.

Somente no início dos anos 2000, mais precisamente em 2009, que a Escola

Manuel Gonçalves da Costa conseguiu juntar seus três segmentos de ensino num único lugar. Um enorme terreno, localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, passando a atender somente neste local.

Hoje, a Escola Manuel Gonçalves da Costa oferece escolaridade completa, da Educação Infantil ao Ensino Médio, na qual a faixa etária é vai do primeiro ao décimo sétimo anos de idade, com horários extensivos para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental 1.

Com cerca de 50 anos de história, a Escola Manuel Gonçalves da Costa, pauta sua proposta em um atendimento de formação integral do sujeito, com uma escola onde a aprendizagem faça sentido com o mundo real e forme cidadãos críticos e comprometidos com a cidadania.

2.2.2: A Estrutura e a equipe de Educação Infantil

Na primeira visita que realizamos na escola, fomos convidados a conhecer grande parte do espaço destinado a Educação Infantil. Uma área relativamente grande, composta por:

- Um pátio com brinquedos em madeira, confeccionado por alunos e pais. Existia nesse pátio um circuito com uma ponte e um escorrega, que foi confeccionado com troncos de madeira, assim como um pequeno trem, também em madeira. Também tinha uma casa de cimento, que segundo informações, foi confeccionada por estudantes do ensino médio, com o auxílio de um pai.
- Um pátio aberto, para convívio de todas as turmas da Educação Infantil.
- Uma sala, utilizada para as aulas de corpo. Nessa sala, existiam materiais específicos para essas aulas. Esse espaço é destinado para os grupos da Educação Infantil.
- Uma sala denominada multimeios, dividida em três ambientes: sala de leitura, com pequenas prateleiras repletas de livros, um canto com fantoches, tecidos e tapetes de tatâmi. E um canto de multimeios, com tapetes de tatâmi e uma televisão com aparelho de DVD. Nessa parte sala também aconteciam as aulas de música, com microfones e violão.
- Um espaço denominado Parquinho, com carros a pedal e triciclos, que ficavam guardados em um grande armário embutido. Esse espaço também tinha mesinhas, um

escorrega de plástico, tapetes de tatami, uma pequena casa de cimento, chamada de castelo e uma canoa de madeira. Esse espaço era destinado para os grupos 1 e 2.

– Um espaço denominado Parque Aquático, com tapetes em EVA, uma casa de plástico, e uma mangueira/borracha. Esse espaço possuía um cercado de plástico, para demarcação. E segundo informações, no verão uma piscina de plástico era montada. Esse espaço era destinado para os grupos 1 e 2.

– Uma quadra, destinada aos grupos 3, 4 e 5. Mas que podia ser utilizada pelos grupos menores, nos momentos em que não estava ocupada.

– Uma sala de artes próxima ao refeitório, para todos os grupos da Educação infantil. Essa sala possuía duas grandes mesas, uma bancada com uma pia para os adultos, com armários e prateleiras altas. A pia adaptada para crianças ficava do lado externo, sendo comum a esta sala e ao refeitório.

– Um refeitório para todos os grupos. Esse refeitório era aberto, porém coberto, com grandes mesas. Havia uma cozinha, na qual o acesso era restrito aos funcionários da própria cozinha. Tinha também um espaço separado, chamado de “refeitório interno”, com uma mesa para uma turma, no qual havia um rodízio dos grupos 1 e 2. Cada turma lanchava em uma das grandes mesas, possuindo cada uma um cardápio diferenciado e variado.

– A sala da Coordenação de Educação Infantil, com sofá, mesas e computadores com impressoras.

– Aproximadamente 12 salas destinadas aos grupos, sendo uma delas compartilhada entre dois grupos, os grupos com faixa etária de 2 anos. As salas eram distribuídas entre dois prédios. Todas as salas eram climatizadas, com prateleiras, armários, mesas e cadeiras adaptadas, e brinquedos diversos. Cada sala era arrumada de acordo com as necessidades de cada grupo.

– Banheiros adaptados para as crianças e banheiros para os adultos.

A Equipe de Educação Infantil era composta por:

– Coordenador Pedagógico.

– Assistente de Coordenação.

– Psicólogo.

– Assessor Pedagógico.

- 13 Professores.
- 5 Professores Auxiliares.
- 1 Professor Substituto.
- 10 Auxiliares de Turma (fixos).
- 2 Auxiliares de Turma (volantes).
- 2 Professores de Educação Corporal.
- 2 Professores de Música.
- Professor Orientador da Biblioteca.
- Professor Orientador da Informática.
- Auxiliar de Biblioteca.
- Auxiliar de Artes.
- Nutricionista.
- Funcionários da cozinha.
- Funcionários de manutenção e limpeza.

A relação entre os membros dessa equipe era muito boa. Existia um diálogo entre todas as partes e respeito mútuo. Presenciei diversos momentos nos quais a coordenadora andava pela escola, ouvia os funcionários, as crianças e se reunia com as professoras. A relação entre todos era muito descontraída e respeitosa, com todos se tratando, inclusive, pelo nome.

2.2.3: O Projeto Político Pedagógico

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Manuel Gonçalves da Costa foi criado no fim do ano de 2014, com vigência para os dois anos posteriores.

O PPP dispõe primeiramente que a Escola Manuel Gonçalves da Costa tem como referência o construtivismo. O construtivismo é uma teoria que está dentro da Psicologia e trata sobre o modo o qual se dá a aquisição do conhecimento. A teoria Construtivista é composta por várias vertentes, sendo as mais importantes, o cognitivismo, no qual se destaca Piaget; e o interacionismo, no qual se destaca Vygotsky.

Segundo César Cool (BARBERÀ et al., 2004), desde o início do século XIX há uma relação difícil e intensa entre a psicologia e a educação. Sempre existiu, desde

essa época, a busca na psicologia para entender e solucionar os problemas e questões da área educacional. Esse século e o seguinte foram marcados por uma relação de altos e baixos. Em meio a essa relação antiga, surge nas últimas décadas, a preocupação com a aprendizagem escolar. Cool (2004) afirma que:

O princípio explicativo mais amplamente compartilhado é, sem dúvida nenhuma, o que se refere a importância da atividade mental construtiva do aluno na realização das aprendizagens escolares. O princípio leva a conceber a aprendizagem escolar como um processo de construção do conhecimento; [...] e o ensino como uma ajuda neste processo de construção [...] Daí o termo “construtivismo”, habitualmente escolhido para referir-se a essa convergência (COOL Apud BARBERA ET AL, 2004, p.18).

Dentre as práticas da Escola Manuel Gonçalves da Costa, a interação meio/sujeito e sujeito/sujeito, o diálogo, a construção coletiva de professor e aluno na aprendizagem, o desafio, a problematização e a singularidade do sujeito estão como eixos norteadores do processo de aprendizagem na Educação Infantil. Em grande parte das reflexões e momentos passados na escola, foi possível perceber características do interacionismo e algumas do cognitivismo.

A Escola Manuel Gonçalves da Costa, dentro de seus objetivos, deseja formar sujeitos que:

- Atuem na sociedade a partir dos conhecimentos de ordem científica, cultural e tecnológica adquiridos.
- Sejam críticos e capazes de discernir e contextualizar as informações e situações, atuando como um agente de mudanças na sociedade.
- Possuam amplitude no pensamento, sendo abertos a mudanças, curiosos e críticos.
- Sejam justos, solidários e comprometidos com o bem-estar social.
- Tenham consciência de sua identidade e pertencimento nacional, com base no conhecimento da sua cultura e diversidade.
- Respeitem a natureza e o espaço onde vivem, tendo consciência de suas ações e os impactos que elas geram.
- Respeitem seu corpo e saúde, assim como o corpo e saúde do outro.
- Sejam responsáveis por suas atitudes.
- Relacionem-se com os outros sujeitos de maneira respeitosa, com princípio

pautado na aceitação da diversidade.

- Busquem, descubram e expressem paixão, prazer, humor e beleza.

Com relação ao primeiro segmento da Educação Infantil, a Escola Manuel Gonçalves da Costa tem objetivos específicos, dentre os quais, destacam-se:

- Construir sua imagem corporal, ampliando as relações tempo/ritmo/espço através das vivências;
- Construir sua identidade a partir da percepção do convívio grupal e vivências compartilhadas;
- Utilizar os diversos recursos pessoais de que dispõe para satisfazer suas necessidades essenciais e para expressar-se, buscando autonomia;
- Familiarizar-se e conviver com os profissionais, a rotina e as regras simples de organização dos espaços da escola;
- Expressar-se através das linguagens musical, corporal, plástica, escrita e oral interagindo com o meio.
- Brincar, vivenciando e experimentando sentimentos e papéis sociais no “faz de conta”.
- Vivenciar festividades e eventos que conduzam à construção de noções de espaço, tempo, grupo e cultura.

O Projeto Político Pedagógico também atenta para a importância de se trabalhar temas transversais, de formação de valores e artes. Na Educação Infantil o projeto da Escola Manuel Gonçalves da Costa prioriza aulas com professores especializados em Educação Musical e Educação Corporal assim como o desenvolvimento de projetos de leitura. São estruturados para cada grupo do segmento os chamados Projetos, elaborados pelos grupos, com o auxílio das professoras, de acordo com os interesses grupais, que são apresentados aos familiares a cada espaço de tempo, num fim de semana.

Com relação à avaliação, esta escola trabalha na Educação Infantil com relatórios individuais, elaborados pelo (a) professor (a). Esses relatórios servem como preceitos para planejá-lo da ação e para acompanhamento da família da criança.

O PPP também atenta para o fato de a equipe da Escola Manuel Gonçalves da

Costa receber formação continuada, e de serem realizados centros e grupos de estudos, reuniões de equipe, assim como assistência psicopedagógica, para auxiliar na prática docente.

Por fim, é expressa no Projeto Político Pedagógico a importância da presença da família no processo educativo das crianças. Para efetuar tal objetivo, reuniões, entrevistas e eventos são marcados com frequência para que a família esteja integrada e atuante em todo o processo de ensino aprendizagem.

O PPP dispõe ainda, sobre o funcionamento dos ciclos. Na Educação Infantil há o turno da tarde com as atividades pedagógicas, os horários extensivos – em grupadas – nos quais são oferecidas atividades semanais de natação, oficinas de artes e passeios, e horária extensiva noite. Nesses horários extensivos é oferecida alimentação controlada por nutricionistas. No horário regular, é oferecido o lanche da tarde, também controlado nutricionalmente.

Em suma, a Escola Manuel Gonçalves da Costa possui um PPP voltado para construção do sujeito. Na Educação Infantil, tem o comprometimento de desenvolver a criança não só nas áreas motora e cognitiva, mas para que construam sua identidade e constituam-se como sujeitos pertencentes a um meio.

2.3: Um pouco dos grupos observados pelas estagiárias da UNIRIO

Para a pesquisa, foram selecionados para observação quatro grupos/turmas. Todos esses grupos foram observados pelas estagiárias da UNIRIO. Todas elas encontravam-se no sexto período do curso na época da realização do estágio. Com relação aos grupos/turmas, estes se encontravam na faixa etária de 1 a 3 anos. Os grupos e estagiárias utilizados na pesquisa foram:

- O Grupo A², que foi observado pela estagiária Edna.
- O Grupo B³, que foi observado pela estagiária Alessandra.
- O Grupo C⁴ que eu – Maria Clara – observei.
- O Grupo D⁵ que foi observado pela estagiária Juliane.

2 Nome fictício dado ao grupo/turma observado pela estagiária Edna.

3 Nome fictício dado ao grupo/turma observado pela estagiária Alessandra.

4 Nome fictício dado ao grupo/turma que observei

5 Nome fictício dado ao grupo/turma observado pela estagiária Juliane

O Grupo A, observado pela estagiária Edna Braga, era composto por doze crianças, na faixa etária entre 1 a 2 anos de idade. Era uma turma mista, sob a supervisão de duas professoras titulares e uma professora auxiliar fixa. Segundo conversa com a estagiária, era um grupo muito bom. Por ser um grupo recém-chegado à escola, a questão da acolhida dessas crianças era muito importante. Segundo a estagiária, a professora oficial da turma recebia as crianças com muito aconchego e carinho. A segunda professora e a professora auxiliar também eram muito carinhosas com as crianças. O Projeto do grupo tinha como tema “carros”.

O Grupo B, observado pela Alessandra Garrido, era composto por doze crianças, na faixa etária de 1 a 2 anos de idade. Era uma turma mista, sob a supervisão de duas professoras e uma professora auxiliar fixa. Segundo conversa com a estagiária, era um grupo que estava começando a desenvolver-se na fala e na parte motora, mas principalmente no relacionamento afetivo e com o outro. As professoras, segundo os relatos da estagiária, respeitavam muito as individualidades e limitações do grupo e estimulavam sempre a autonomia. O projeto do grupo tinha como tema “macacos”.

Com relação ao Grupo C, observado por mim, era um grupo formado por treze crianças na faixa etária de 2 a 3 anos de idade. Era uma turma mista, sob a supervisão de uma professora e uma auxiliar fixa. No geral, era uma turma de crianças bem articuladas, ativas, inteligentes, curiosas e felizes. Alguns eram mais falantes que os outros; Uns dormiam a tarde e outros não; Uns tinham um pouco mais de dificuldade de dividir; Já outros gostavam mais de colo e carinho. Eram crianças que se conheciam muito bem, pois conviveram juntas desde o ingresso na escola. A professora também era a mesma do ano anterior. Por essa razão, ela os conhecia muito bem e a relação de confiança das crianças e dos responsáveis era grande. O mesmo cabia para a professora auxiliar. A singularidade de cada aluno era muito respeitada. O projeto do grupo tinha como tema “brincadeiras de quintal”.

Por fim, o Grupo D, observado pela estagiária Juliane Faria, era um grupo formado por treze crianças de 2 a 3 anos de idade, sendo também uma turma mista, sob a supervisão de uma professora e uma professora auxiliar fixa. Segundo a Juliane era uma turma bem desenvolvida, com o desenvolvimento motor e cognitivo dentro do esperado, alguns, inclusive, bem avançados e todos se expressavam bem. Era um grupo que tinha alguns conflitos diários, mas nada além do esperado para a idade. A relação entre as

professoras e as crianças era muito boa. O projeto do grupo tinha como tema “fantasias”.

Capítulo 3

Com a palavra, as estagiárias: Os espaços, as rotinas e o brincar, como meios para o desenvolvimento na Educação Infantil. Percepções, experiências e situações de discentes da UNIRIO acerca da experiência.

*“... Como um animal que sabe da floresta. Memória!
Redescobrir o sal que está na própria pele. Macia!
Redescobrir o doce no lamber das línguas. Macias!
Redescobrir o gosto e o sabor da festa. Magia!”*
(Gonzaguinha)

Gonzaguinha através desta linda melodia nos mostra o quão importante é o processo de (re)descobrir-se. Algo tão complexo e ao mesmo tempo tão simples; tão sublime e ao mesmo tempo tão carnal! As descobertas daquilo que é novo, ou daquilo que já conhecemos e num novo contato, descobrimos novamente.

Sempre, no ciclo da vida, descobrimos algo, como numa roda, que não se conhece o meio ou o fim. É apenas um círculo, em constante mudança; uma roda de cirandas, recheada de sentidos, que se renovam e renovam... Num eterno ciclo sem fim!

As experiências que nos fazem redescobrir a vida e que são tão presentes na infância, podem facilmente fazer uma analogia com as experiências do mundo acadêmico, pois através dessas experiências, do nosso olhar e de nossas narrativas, não só nossas, mas do outro, é que nos transformamos. Não é só eu que me transformo, ou só ele, mas, sim nós!

Segundo Bondía (2002), experiência vem a ser “... o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, ou o que toca.” (p.21). Isso mostra que a experiência não é só aquilo que acontece o tempo todo, mas sim, aquilo o que nos acontece o tempo todo. A experiência é o nosso constante processo de metamorfose.

Um trabalho de pesquisa, que utiliza a narrativa docente, é apontado em JOSSO (2007) quando o mesmo afirma que:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou,

melhor dizendo de histórias centradas na formação [...] esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (JOSSO, 2007, p. 414).

Pode-se perceber que experiência compartilhada por meio da narrativa multiplica e transforma as descobertas. Por essa razão, este trabalho buscou articular-se e compor-se com aparato das narrativas e vivências do grupo de estagiárias da UNIRIO, pois a partir destes múltiplos olhares, é possível pensar nas questões centrais deste trabalho.

Conforme aponta JOSSO (2007):

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar (JOSSO, 2007, p. 415).

Esses múltiplos olhares – as quatro observações de campo – serviram como aparato para começar a pensar as questões relativas a organização espaço, rotina e brincadeiras como um meio para o desenvolvimento na infância; e as narrativas, permitiram compreender melhor e buscar reflexões iniciais acerca de questões relacionadas as minhas premissas/indagações sobre o objeto desta pesquisa.

3.1: “De canto a canto” – Refletindo a importância do planejamento de espaços na Educação Infantil para o desenvolvimento

Façamos agora um breve exercício. Vamos imaginar um espaço importante de nossa infância. Certamente nos lembraremos de algum local que foi significativo em nossas vidas, seja ele a casa dos avós, ou o cantinho do quintal de casa. Na nossa infância, os espaços e objetos têm múltiplas funções. É a partir dos móveis dispostos na nossa casa, por exemplo, que nos apoiamos para dar os primeiros passos; é no quintal de nossas casas que, ao correr e brincar, desenvolvemos nossa parte motora e cognitiva. Logo, são nos espaços de nossa infância, em sua totalidade, que construímos o que somos hoje; são esses espaços, o palco para o show de aprendizados de nossa vida.

A importância desses espaços na infância para a construção do sujeito, também

estendem-se para o primeiro segmento da Educação Infantil. O espaço escolar é uma extensão de nossa casa e é constituinte de nosso processo de crescimento. Por essa razão, pensar nestes espaços é importante, visto que eles podem ser de enorme auxílio no desenvolvimento, nos primeiros anos de vida.

Mas no fim das contas, o que são os espaços? Segundo o Dicionário Online de Português (2016), espaço é a “extensão indefinida que contém e envolve todos os seres e objetos”.

Maria da Graça Souza Horn, em seu livro *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil*, do ano de 2004, através das ideias dos autores Zabalta e Fornero, define espaço como “os locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração.” (p. 35). Tais espaços, ainda segundo essa autora, são o local no qual “a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções” (HORN, 2004, p. 28).

A partir dessas definições, pode-se perceber que o espaço para a criança é aquele que fornece o suporte para ela sentir e ver o mundo a sua volta, interagindo com ele. É um espaço que media a relação dela com as pessoas e com o mundo.

Horn (2004), ainda embasada nos autores Zabalta e Fornero, faz uma distinção entre espaço e ambiente, ainda que os seus significados estejam enleados, mostrando que:

... O termo ambiente diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos. em relação ambiente, mais subjetivos (HORN, 2004, p.28).

Logo, organizar o espaço não se limita somente ao espaço em si e aos materiais, mas também pelas interações que resultam deste ambiente.

Para Horn (2004) o espaço é:

... entendido sob uma perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-se como elemento curricular. A partir desse entendimento, o espaço nunca é neutro. Ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas. Nesse sentido, o ambiente de aprendizagem influencia as condutas das crianças pequenas de forma distinta, isto é, enquanto alguns incitam o movimento, por exemplo, outros trarão uma mensagem de mais tranquilidade e repouso (HORN, 2004, p. 35).

Para que esses espaços sejam verdadeiros ambientes de aprendizagem, a flexibilidade do mobiliário e dos objetos deve estar presente no pensar e repensar da escola, visto que estes espaços e ambientes são parte deste currículo e sua estruturação interfere diretamente no processo.

Pensar nesses espaços de sala como ambientes de aprendizagem requer uma grande seriedade. A escola definirá, segundo seus preceitos, qual a melhor maneira de organizar-se. Horn (2004), durante uma pesquisa, realizada em Barcelona atenta para o modo de organização dos espaços em sala de aula em cantos temáticos, limitados com estantes ao nível da criança, pois acredita que:

... organização das salas de aula em cantos e recantos, o que permite a atuação do adulto com bastante descentralização de sua figura frente aos alunos. Os cantos considerados fixos são o da casa de bonecas, o da biblioteca, o da higiene, o da música. Ao lado destes, existem os que vão mudando conforme o projeto desenvolvido pela professora... (HORN, 2004, p.34).

Corsino (2009) nos apresenta também o modelo italiano. Neste projeto ela nos mostra que:

... há três ideias que são as chaves para a compreensão do papel do espaço no apoio às manifestações expressivas das crianças. Uma não é mais importante do que a outra, e as três ideias interconectam-se no contexto das relações de adultos e crianças no cotidiano. Primeiramente, a ideia de flexibilização do espaço. Em segundo lugar, a importância do espaço apoiar os relacionamentos das crianças. Por fim, o espaço como convite a ação, imaginação e a narratividade (CORSINO, 2009, p. 96).

O documento intitulado “Referenciais Curriculares da Educação Infantil” – RCNEI (1998) discute a forma como os espaços e ambientes devem ser planejados, atentando para a importância de a proposta curricular levar em consideração a forma como se dá/dará à organização destes, o melhor funcionamento e qualidade do serviço prestado as crianças, com base em suas necessidades grupais e individuais.

Aponta que este deve ser bem organizado diversificado, para atender as diferentes necessidades; deve ter ambientes para a interação, tanto com o objeto, quanto com o outro, sempre pensados e repensados de forma a oferecer as melhores condições ao desenvolvimento e aprendizado da criança; ter segurança e aconchego; deve ser pensado constantemente, para que não fique imutável com o passar do tempo, afinal de contas não

se pode ficar parado em um mundo repleto de transformações; e por fim, este espaço deve propiciar a criança inúmeras possibilidades. Além disso, atenta para a disposição de materiais, explicitando que deve haver uma variedade dos mesmos. Isso evidencia o quão esses materiais são necessários, por ser um instrumento/meio para desencadear o aprendizado e que devem estar dispostos de maneira organizada, acessível e segura.

O documento “Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil” – DCNEI (2010) – aponta na parte que dispões sobre proposta pedagógica que a Educação Infantil deve assegurar:

“Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição [...] A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação” (DCNEI, 2010, p. 20).

HORN (2004) aponta que no espaço de sala de aula:

... a organização do espaço físico na educação infantil em cantos, em zonas semi-abertas, possa contribuir-se para alguns educadores como uma forma de controle através de arranjos espaciais, pois o professor observa e controla todas as ações das crianças sem ser o centro da prática pedagógica (HORN, 2004, p. 25).

Na Escola Manuel Gonçalves da Costa a organização das salas era, nos 4 grupos observados, bem similar as estruturas tanto da escola espanhola apresentada por Horn, como do modelo italiano descrito por Corsino. As salas eram, no geral, organizadas em pequenos cantos e recantos, com estantes baixas, que possibilitavam a maior interação entre as crianças, a liberdade na escolha das atividades livres e a descentralização do professor, que ao mesmo tempo em que assumia uma postura descentralizada, tinha acesso e visão a todos esses espaços da sala de aula. Os cantos mutáveis eram utilizados e modificados de acordo com os novos interesses das crianças e também de acordo com as atividades pautadas nesses interesses – os chamados Projetos.

Abrindo um rápido parêntese, os Projetos eram atividades planejadas para a turma, pautadas no interesse coletivo. Por exemplo, o grupo D, observado pela estagiária Juliane, tinha como tema de projeto, as fantasias. Esse tema foi escolhido, assim como nos outros grupos, a partir do interesse da turma, observado pelo professor, ou sugerido

pelas próprias crianças.

Na Escola Manuel Gonçalves da Costa, foi observado que cada sala do segmento observado era organizada de maneira distinta. No geral, os espaços e materiais eram pensados individualmente para cada grupo e isso é muito importante, para atender as especificidades e características do desenvolvimento de cada um deles. A disposição e arrumação da sala, mobiliário, brinquedos e materiais ficava a cargo das professoras em sala, para que o fizessem de acordo com as necessidades de cada grupo. E a distinção de disposição de materiais e mobiliários entre a sala dos grupos com faixa etária de 1 ano – Grupos A e B – para os grupos com faixa etária de 2 anos – Grupos C e D – era grande.

Nos grupos A e B, havia uma preocupação maior com a disposição de tapetes de tatâmi que estão em uma grande extensão da sala, e dentro deste espaço, os adultos não utilizam sandálias e sapatos, pelo fato de serem crianças que ainda estavam começando a andar. Nestes grupos, também era possível perceber a preocupação com os brinquedos, adequados à idade da criança e também com a disposição dos móveis, prezando a segurança das crianças ao caminhar, a fim de evitar acidentes. Havia num determinado espaço, diversos colchonetes revestidos de napa, para que as crianças pudessem deitar, ou dormir, no momento que estivessem cansadas.

A estagiária Alessandra aponta em seu relatório de estágio, que com relação ao espaço da sala do grupo B:

A sala de aula possui vários espaços para atividades: o cantinho dos bonecos e fantoches; o da roda de conversa; o camarim, onde podem colocar fantasias; o local com instrumentos musicais e brinquedos; as mesas com cadeiras, adequadas a idade e tamanho; e livros à disposição (Alessandra).

Já as salas grupos C e D eram compostas por diversos “cantos”, com apenas um tapete de tatâmi, utilizado para as rodas de conversa e contação de histórias. Os brinquedos de cada sala também eram distintos, visto que, a cada ano, a escola solicita aos pais, junto com a lista de materiais, que forneçam um brinquedo, novo ou usado – desde que esteja em bom estado – e uma fantasia, também nas mesmas condições, para compor esses materiais de cada grupo. Com relação aos colchonetes revestidos de napa, os mesmos eram colocados empilhados entre os armários, ou num canto, para que a criança que estivesse cansada, solicitasse ou pegasse o mesmo, para colocar num espaço da sala, ou até mesmo em cima do tapete de tatâmi, quando o mesmo não estivesse sendo

utilizado para uma atividade dirigida.

Em conversa com a professora do grupo C, pude perceber o quanto a preocupação com este espaço de sala de aula está presente. Segundo seus relatos, há uma sondagem pelos gostos de cada aluno e, alguns cantos, como o da fantasia, por exemplo, eram estruturados com fantasias doadas pelos próprios pais das crianças, com o objetivo de construir o espaço de sala de aula de forma que ele carregue consigo elementos individuais de cada aluno, construindo a identidade individual e grupal.

Uma questão interessante merece destaque no que diz respeito ao grupo C: a sala era dividida com outro grupo, com a faixa etária de dois anos (este grupo não foi observado pela estagiária Juliane, o Grupo C). Eram os únicos grupos que dividiam a sala, e tive a oportunidade de ficar em um deles. Pude observar que a sala era bem organizada. Havia espaços específicos de cada grupo como, por exemplo, os armários com materiais de cada professora, os cabides para serem colocadas às mochilas, as bandejas as quais ficavam as garrafas de água, as prateleiras em que as professoras guardavam seus objetos e os tapetes de tatami, e de uso comum dos dois grupos, como caixa de fantasias, o espelho, a estante com livros, a estante com bonecas e o armário com carrinhos eram, assim como as mesas e cadeiras que ficavam no centro da sala. No espaço de cima do móvel de carrinhos, a professora do grupo C, colocava parte de seus materiais. Já a professora do outro grupo que ficava na sala, tinha um gaveteiro, além do armário.

Essa divisão da sala, a meu ver, é muito importante, pois permite não só o relacionamento entre os dois grupos, como o respeito ao espaço compartilhado e individual.

Em nenhum dos grupos da Educação Infantil há, no espaço de sala de aula, mesa para as professoras. Elas colocam seus pertences nas suas estantes e armários. E as atividades de escrita na agenda e outras atividades diversas eram realizadas no chão. Este fato é interessante, pois assim, a centralidade do professor perde sua força, mas sem deixar de existir, conforme os ideais de Horn (2004).

Outro fator interessante era a relação dos grupos com o espaço de sala. O grupo C, por exemplo, tinha uma relação muito boa. Foi perceptível o respeito e zelo que todos tinham com esse local e, apesar da tenra idade, tinham o cuidado de não jogar os brinquedos, de colocá-los no lugar após as brincadeiras, de zelar pelo espaço que

compartilhavam. As professoras (oficial e auxiliar) também tinham uma preocupação em manter a sala organizada, de ensinar os alunos a arrumar os brinquedos em seus lugares e de cuidar daquele espaço.

Já no Grupo B, essa relação com o espaço ainda estava sendo construída. Segundo a estagiária Alessandra:

As crianças ainda estavam num processo de construção de respeito e zelo pelo espaço. Eles brincavam com tudo, tiravam do lugar, mas arrumar ainda não estava consolidado. Eles faziam uso de todo o espaço, mas a questão da preservação dos materiais era precária (Alessandra).

Essa relação e uso do espaço é fator primordial. Não basta apenas criar um espaço de oportunidades, é preciso apropriar-se do mesmo. O espaço vai além de sua organização, ele é um ambiente a ser apropriado, explorado, um local em que a criança se relaciona com os ambientes, os materiais, o adulto, construindo suas vivências. Para Horn (2004), “... não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente” (p.15).

Partindo para os espaços fora da sala de aula, Escola Manuel Gonçalves da Costa fornece atividades distintas para os grupos da Educação Infantil. Eles tinham acesso a uma infinidade de espaços, bem planejados, como o pátio interno, com brinquedos para serem compartilhados; o pátio externo; o parquinho, com escorrega, casinha e barco de madeira; a sala multimeios, que oferece espaço para assistirem filmes e DVD's, lerem livros, ouvir música e realizar encenação teatral; a sala de artes, com diversos materiais disponíveis para a realização de atividades; a sala de expressão corporal (psicomotricidade), onde existem diversos objetos que permitia às crianças obter maior noção de espaço e também do seu corpo e dos movimentos que podiam realizar; o “parque aquático”, onde ocorriam os banhos de mangueira nos dias mais quentes; o refeitório, onde eram realizados os lanches que a escola oferecia; e outros espaços, destinados às turmas maiores da Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, mas que também eram utilizados por esses grupos de zero a três anos.

A utilização desses espaços externos era definida para cada um desses grupos, de acordo com um horário, porém este era bastante flexível – assunto que será pautado mais detalhadamente no próximo tópico deste capítulo. Esses espaços eram explorados

diariamente pelos grupos, como um meio para trabalhar a interação, desenvolvendo as habilidades das crianças, e também como espaços para pensá-lo, elaborar e executar os Projetos individuais de cada grupo.

O DCNEI (2010) aponta que as práticas pedagógicas devem ser aquelas que “Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança” (p. 25).

Isso leva a crer que os espaços externos da escola não devem ser esquecidos, tão pouco considerados menos importantes, pois há momentos em que as atividades demandam espaço livre para movimentação corporal. Então, esses espaços externos devem ser diversos, permitindo ampla movimentação das crianças.

Segundo a estagiária que acompanhou o grupo A:

“A professora com quem fiquei procurava sempre levar as crianças pra todos os espaços, inclusive aqueles que não eram direcionados a elas, como as quadras de esporte, o corredor e o pátio externo, que era o pátio do ensino fundamental” (Edna).

Já para a estagiária do grupo D:

“A turma aproveitava bem o espaço, íamos a quadra brincar com giz de quadro e brincadeiras livres; pátio onde brincavam com carrinhos, velotrol; Fazia atividades de artes na sala de artes; assistíamos vídeos na sala de multimídia e brincávamos e contávamos histórias na sala de aula. O tema da minha turma era fantasia então todas as brincadeiras seguiam esse tema, eles se fantasiavam para brincar de forma livre na sala ou no pátio” (Juliane).

Além do espaço externo de sala, segundo Alessandra, o grupo B realizou um passeio ao Jardim Zoológico, visto que o tema do Projeto deles era Macaco. A estagiária relata que “eles realmente vibraram muito com a experiência, foi interessante ver a reação deles a cada espécie de macaco que observavam”. Com relação aos momentos fora das paredes da escola, Corsino (2009):

... A ideia do espaço como suporte aos relacionamentos implica, também, a relação entre o espaço educativo e o espaço da cidade: como os dois se interpenetram e dão suporte um ao outro? O “lado de fora” da creche e da escola de educação infantil é sentido pela criança como espaço da instituição? Ou como espaço que favorece e acolhe a continuidade de suas experiências? É um desafio para nossa realidade

viver a cidade como oportunidade de interação com a cultura, a natureza, a vida, ampliando as relações que acontecem entre as paredes dos prédios institucionais (CORSINO, 2009, p.101).

A partir dos relatos sobre os espaços e ambientes dessa instituição foi possível fazer uma reflexão acerca da relação do benefício de pensar nesses espaços para desenvolvimento infantil.

Segundo Horn (2004);

A discussão sobre a importância do espaço no desenvolvimento infantil tem, nas diversas correntes da psicologia, um suporte fundamental. A corrente construtivista, por exemplo, enfatiza a função desempenhada pelas experiências espaciais primárias na construção das estruturas sensoriais da criança. (HORN, 2004, p. 15).

Na perspectiva de Lev Vygotsky, a criança se desenvolve a partir de sua interação com o meio. O meio, segundo Pino (2010), é tratado por Vygotsky sob duas perspectivas:

... Uma forma é considerá-lo em si mesmo, na sua realidade objetiva, como um conjunto de elementos naturais concretos e de leis ou "regras" que os articulam como um todo. Esse é o meio cujo conhecimento, segundo Vigotski, é o objeto de diferentes ciências. "Outra forma é considerá-lo a partir da influência que ele exerce no desenvolvimento, especificamente dos organismos humanos. (PINO, 2010, p.744).

Ainda segundo este autor, o meio age de acordo com a dinâmica do desenvolvimento, assim como todos os elementos que o compõem.

Um bom exemplo para isso é a linguagem, tema de uma aula de Pensamento e Linguagem, que é paralela ao pensamento. Estes – meio e linguagem – podem ser comparados a duas linhas que correm lado a lado, por vezes entrelaçando-se. A língua, portanto, é construída socialmente na relação homem-meio / criança-meio. É através do processo de internalização, mediado pela relação com o meio, que a linguagem torna-se transmissora do pensamento.

Segundo Rego (2002), Vygotsky traz em seus ideais que é a convivência em sociedade a responsável em transformar o homem em ser humano social. Essa transformação começa desde a infância, quando aprendizagem e desenvolvimento interagem na construção do indivíduo, ou seja, interações entre sujeito e meio que ocorre o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores.

Em Horn, através da ideia de relação entre sujeito e meio de Vygotsky é possível

inferir que “... é fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos os quais possa criar, imaginar, construir...” (HORN, 2004, p.19), já que estes espaços são um meio para apropriar-se dos saberes produzidos pela cultura a qual ela está inserida.

Na perspectiva de Wallon, conforme aponta Horn (2004), a criança necessita da mediação com o meio físico e para isso faz-se necessário planejar espaços desafiadores e estimulantes para as crianças, com finalidade de aumentar a interação entre elas, e também com o adulto, descentralizando-o, inclusive. Segundo a Horn:

Entende-se que, para Wallon, a atividade humana é eminentemente social e que a escola é o lugar mais adequado para que essa atividade se desenvolva além do ambiente familiar, por ser um meio, muitas vezes, mais rico, na medida em que é mais diversificado e pode oportunizar às crianças a convivência com outras crianças e com outros adultos além de seus pais [...] Desse modo, cabe ao adulto organizar sua prática junto as crianças [...] Elas necessitam de espaço para exercerem sua criatividade e para constatarem o que desaprovam (HORN, 2002, p.16 – 17).

Logo, se a relação com/entre os indivíduos e o meio é a responsável pelo desenvolvimento, o espaço, tal como sua organização, são o cenário o qual ocorre esse processo.

Segundo Craidy e Kaercher (2001, p.77), através do uso destes espaços é possível promover a identidade pessoal da criança; o desenvolvimento da competência – autonomia; construção do conhecimento; a relação interpessoal e a individualidade.

São nesses espaços que a criança consegue entender-se como sujeito, relacionar-se com o mundo através dos objetos daquele local e com a sala organizada de maneira a descentralizar o papel docente, é possível tornar a criança mais ativa.

Pude perceber, com o grupo C, o quanto esses espaços, as professoras e as famílias eram importantes para o desenvolvimento deles. Um caso que me chamou atenção foi à gravidez da mãe de uma das crianças. Essa notícia foi dada pela própria criança na roda de conversa, foi pauta de uma aula sobre bebês, além de ser assunto por um bom tempo no canto da casinha de bonecas, no qual as meninas colocavam as bonecas por baixo da blusa, simulando uma gravidez.

A estagiária Edna, quando questionada sobre a importância da organização dos espaços para o desenvolvimento afirma:

Acho extremamente importante que os espaços de educação infantil sejam adaptados e que sejam agradáveis e aconchegantes para as

crianças. Esses espaços devem ser belos, coloridos, limpos e seguros, acho que tudo isso ajuda no desenvolvimento e nas descobertas feitas nesse período da infância (Edna).

Um espaço, com ambientes e materiais idealizados de forma a desenvolver a criança plenamente, tanto nas dimensões físicas, quanto nas dimensões psicossociais, é, portanto, fator primordial na educação infantil, visto que, segundo a As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, expressa na resolução nº 5, em 17 de dezembro de 2009, traz a concepção de que a criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEI, 2009, p.12).

Esse pressuposto é fundamental para pensar as instituições de Educação Infantil, pois se a criança é este sujeito, o espaço escolar o qual ela tem direito deve proporcionar o necessário para que ela construa sua identidade, respeitando essa concepção.

3.2: “De hora a hora” – Refletindo a importância da rotina na Educação Infantil para o desenvolvimento

*“Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo.”
(Caetano Veloso)*

A organização dos espaços da escola, sejam eles internos ou externos, é importante no processo do desenvolvimento. Mas como se pode aproveitar melhor os espaços da escola? Como extrair de cada canto temático, de cada espaço dentro e fora de sala, tudo o que ele tem a nos oferecer?

Para melhor aproveitar esses espaços, faz-se necessário organizar o tempo e a rotina. Para Craidy e Kaercher (2001):

Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos em espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem à criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 68).

Logo, elaborar e organizar os espaços não é suficiente no pensar da Educação Infantil, pois conforme Craidy e Kaercher (2001):

Organizar o cotidiano das crianças na Escola Infantil pressupõe pensar que estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 67).

O RCNEI (1998) aponta que a organização de tempo, rotina e brincadeiras é uma das instruções didáticas que compõem o eixo curricular, sendo “a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças” (p.54). Ainda para este documento a rotina deve ter em sua composição três momentos: o do cuidar, o de aprendizagens orientadas e o das brincadeiras. As atividades de aprendizagem orientadas, assim como os projetos, devem ser pautadas em estruturas didáticas bem planejadas, visto a sua especificidade. O pensar nas atividades da rotina, inclui, além da organização do espaço, a estruturação do tempo, que deve levar em conta uma infinidade de fatores.

Na Escola Manuel Gonçalves da Costa, a rotina de todos os grupos da Educação Infantil era definida no início do ano. Uma sequência de atividades, dentro de sala e em outros espaços da escola.

Todos os grupos tinham as seguintes atividades estipuladas na rotina, com diferentes horários: sala de aula, aula de corpo, aula de artes, parque aquático, sala multimeios, pátio, contação de histórias, aula de música e lanche fora ou dentro. No horário de sala de aula, as atividades eram realizadas de acordo com o planejamento do professor, com atividades de aprendizagem ou relacionadas ao Projeto. Essas atividades fixadas na rotina eram realizadas uma vez ou duas na semana, dependendo da atividade, com exceção da contação de histórias e a aula de música, que ocorriam de maneira quinzenal.

Segundo as informações fornecidas pelas estagiárias, em todas as turmas havia

uma rotina. Entretanto, ao mesmo tempo em que as atividades desses grupos seguiam essa rotina, havia para as professoras a flexibilidade da rotina. Por muitas vezes, presenciei entre elas, acordos para a troca de horários entre os grupos, bem como a união de dois grupos, num mesmo local em atividades, permitindo assim que dois grupos interagissem e permanecessem por mais tempo numa determinada atividade ou local.

Ao serem questionadas sobre a forma que as crianças recebiam essa rotina, todas as informações coletadas apontam conclusão que sim. O grupo A, por exemplo, “Por haver flexibilidade na rotina as atividades não eram interrompidas abruptamente e muitas vezes conseguíamos não nos prender aos horários. O grupo costumava migrar de uma atividade para a outra de forma natural” (Edna)

Um fator interessante a respeito dessa rotina dos grupos, e das diversas atividades, foi abordado pela estagiária Alessandra, quando ela expõe que:

Outra questão relevante são as rotinas, que são variadas e ricas, porém gostaria de ressaltar o cuidado que se deve ter em relação ao excesso de atividades e/ou ao curto tempo entre elas, pois ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento, porque as crianças muito pequenas não conseguem manter a atenção por muito tempo em uma atividade, também podem dificultar, pois o trabalho fica muito fragmentado e em alguns casos sem conclusão porque já é tempo de passar para outra atividade (Alessandra).

Essa questão levantada pela estagiária nos faz pensar o quanto o tempo das atividades e o sequenciamento, a transição entre elas é importante. No grupo C, pude observar que estes momentos de transição entre as atividades eram incluídos no planejar da professora. Nas atividades do pátio, por exemplo, que era um momento em que as crianças estavam mais agitadas. Quando o tempo estava se esgotando, a professora juntava o grupo, sentava em roda e realizava uma atividade mais tranquila. Certa vez, ela realizou a atividade do Gato Mia, na qual um aluno fecha os olhos, e todos ficam em silêncio para que ele possa escutar o “miado” de um de seus colegas, escolhidos pela professora, a fim de reconhecer quem era o “gato”. Essa atividade, ao mesmo tempo em que aguçava os sentidos, era uma atividade que acalmava as crianças na volta para a sala de aula.

Outra questão relevante com relação à rotina desta escola estava no momento da alimentação – almoço e lanche. Essa atividade coletiva ocorria simultaneamente entre todos os grupos. Cuidados especiais, relacionados à rotina de cada criança, com

intolerâncias e alergias, eram levados em consideração na preparação dos alimentos, bem como as necessidades relacionadas a faixa etária. Os grupos tinham lanches diferentes entre si, pensados de forma individualizada pela nutricionista. Apesar de ser uma atividade muito relacionada ao cuidar, estes momentos têm uma intencionalidade pedagógica muito forte, pois o momento da alimentação permite conforme apontam Craidy e Kaercher (2001) “progressivamente tornar a criança mais autônoma [...] comer com a própria mão, mastigar alimentos mais sólidos, participar da higiene, da elaboração e organização do local das refeições, servir-se do alimento” (p.70).

Craidy e Kaercher (2001) também afirmam que as atividades no tempo devem ser organizadas de acordo com suas necessidades biológicas, ou seja, seus tempos e ritmos devem ser respeitados.

Além da alimentação, pude observar no grupo C, é que algumas crianças dormiam a tarde e outras não, algumas deitavam em determinados horários por estarem cansadas, inclusive no momento do lanche, e essas particularidades eram incluídas na rotina da escola. Havia colchonetes pequenos nas salas, a disposição para as crianças pegarem, e elas podiam dormir ou deitar no momento em que estivessem cansadas. Mas cabe ressaltar que este horário de sono também não se estendia a tarde toda. As crianças dormiam e passado um tempo, elas eram cuidadosamente despertadas e inseridas a atividade a qual o grupo estivesse participando.

Após coleta de informações, pode-se perceber que, no geral, as atividades realizadas no horário em que as crianças estavam em sala de aula, em todos os grupos, eram livres, ou com intencionalidades específicas da professora ou relacionadas ao Projeto de cada grupo. Nas atividades livres, as crianças podiam explorar os espaços e materiais da sala de maneira livre. As professoras neste momento ficavam realizando as atividades de escrita na agenda, e concomitante a isso atendendo aos desejos e falas individuais das crianças. Também ficavam observando as relações dessas crianças com os espaços, materiais e colegas de grupo, já que, é a partir dessas relações que planejam suas ações.

Com relação a rotina como um todo, foi possível perceber que há uma preocupação em planejar individualidades grupais, havendo a liberdade de planejamento do professor mesmo com a rotina “fixa”. As professoras, no geral, tinham uma percepção e cuidado de planejar as atividades da rotina, de forma não só a atender os projetos, mas

também as necessidades das crianças, em todos os âmbitos. Este planejamento da rotina se faz importante, pois Craidy e Kaercher (2001) atentam que:

Para dispor atividades no tempo é fundamental organizá-las tendo presentes às necessidades biológicas das crianças como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene, e à sua faixa etária; as necessidades psicológicas, que se refere as diferenças individuais, como, por exemplo, o tempo e o ritmo que cada uma necessita para realizar as tarefas propostas; as necessidades sociais e históricas que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida, como as comemorações significativas para a comunidade onde se insere a escola e também as formas de organização institucional da escola infantil (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.68).

As estagiárias, ao serem questionadas sobre a opinião acerca da organização rotina era importante para o desenvolvimento, afirmaram que:

Acho importante ter uma rotina flexível, que permita liberdade para docente e para as crianças. Mas elas são preciso para organização da escola e para o desenvolvimento das crianças, pois todos têm rotinas e obrigações então acho importante o contato das crianças com esse lado. (Juliane, Grupo D)

Acredito que sim. É importante ter uma rotina, mas que ela não seja inflexível e nem que exista só por existir, causando estresse, correria e sendo mal aproveitada. Ouço muitos relatos de que a rotina mais prejudica do que auxilia no trabalho, pois as atividades têm que ser interrompidas, por exemplo, e as professoras ficam reféns desse horário. O ambiente acaba sendo tomado por tensão e as atividades não são exploradas ao máximo. (Edna, Grupo A)

Portanto, foi possível refletir que, a partir de uma rotina bem elaborada, é possível trabalhar várias áreas do desenvolvimento infantil. Segundo Craidy e Kaercher (2001) de acordo com o sociointeracionismo, o papel docente é oferecer as crianças experiências desafiadores para que a criança desenvolva suas capacidades e fortaleça sua autoestima. Isso significa que, além de pensar nos espaços adequados para promover o desenvolvimento dessas capacidades, pensar em uma rotina, planejar a ação, pensando nas especificidades individuais e grupais são de suma importância no desenvolvimento da criança e do grupo/turma.

Por fim, Corsino (2009) resume a importância da organização para o desenvolvimento infantil quando afirma que:

O cotidiano e as atividades de rotina são, basicamente, as atividades de

relações humanas em que a partilha, a generosidade, a atenção ganham relevo. [...] a humanização das relações entre adultos e crianças nos espaços de interação é um aspecto privilegiado na construção da autonomia e do respeito (CORSINO, 2009, p.46).

3.3: “Quem me chamou? Vem brincar de viver” – As brincadeiras no processo de desenvolvimento infantil

*“Brincar com crianças não é perder tempo,
é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem
escola, mais triste ainda é vê-los sentados
enfileirados em salas sem ar, com exercícios
estéreis, sem valor para a formação do
homem.”*

(Carlos Drummond de Andrade)

E como esquecer uma das principais características da infância, afinal o que seria dela sem o brincar? A brincadeira é a forma de a criança ver o mundo ao seu redor, de descobrir-se parte de um todo.

O DCNEI (2010) afirma que um dos princípios da que devem ser respeitados nas propostas de Educação Infantil é que refere a dimensão estética, que engloba a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (p.16)

Times (2001) aborda a importância de compreendermos a brincadeira como parte fundamental no processo de desenvolvimento infantil. Atenta que o ato de brincar é na realidade um exercício para o desenvolvimento motor, sensorial, cognitivo, afetivo e social. A brincadeira media o processo de desenvolvimento, dando ao indivíduo as capacidades necessárias para viver. É ela uma das responsáveis pela mediação das ações da criança com o outro e também com os objetos, tornando-se fundamental no processo de desenvolvimento das capacidades sensório-motoras e cognitivo-afetivas. É através da brincadeira que o ser insere-se socialmente no espaço onde vive e posiciona-se, ou seja, pela brincadeira esse ser começa a reconhecer-se no mundo.

Muitas vezes, banalizamos o brincar e a brincadeira. Segundo Times (2001) “É muito comum entre nós à crença de que a criança brinca por prazer” (p. 82). Mas sabe-se,

que a criança brinca para experimentar os diversos sentimentos, primordiais para seu (re) conhecer. Ela também brinca para “como uma iniciativa de procurar resolver, imediatamente, necessidades suas, o que nem sempre acontece...” (Times; Tunes, 2001, p.82).

Quem nunca presenciou duas crianças relacionando-se? O conflito quando as duas querem o mesmo brinquedo e no final, alguém terá que cedê-lo? Essas frustrações, segundo o referido texto, são importantes para a compreensão do “nem tudo é meu, existe um mundo ao meu redor”.

Na Escola Manuel Gonçalves da Costa, a brincadeira era muito presente na rotina das crianças. Todos os grupos observados tinham momentos de brincadeiras, tanto livres, quanto dirigidas.

No grupo A, esses momentos de brincadeira:

Eram momentos muito legais. A professora era muito criativa e levava algo novo com frequência. Nos momentos de brincadeira livre as crianças tinham uma boa interação entre elas, e nesses momentos podíamos de forma “descompromissada” observar vários aspectos como solidariedade, companheirismo, não violência... (Edna).

No grupo C, algumas situações eram trabalhadas a partir da brincadeira. Na hora do pátio, dois meninos sempre brigavam por causa de um carrinho de pedalar do Batman. Os dois queriam o carro e sempre havia conflito. As professoras, e eu por vezes, conversávamos com a turma a respeito da importância de dividir e também de conversar, negociando a utilização dos brinquedos. Uma cena que me deixou extremamente feliz, foi ver os dois, juntos, sentados lado a lado, partilhando o carro, sem brigas e conflitos.

Uma segunda situação, surgida a partir das brincadeiras, foi o Projeto dessa turma, intitulado “Brincadeiras de quintal” – que surgiu através da observação das professoras, justamente destes momentos de brincadeiras – no qual a professora organizava diversas atividades dirigidas que resgatavam brincadeiras, assim como atividades de brincadeiras que incluíam os familiares, que foram realizadas no dia da apresentação dos projetos.

Outra situação que me chamou atenção surgiu da roda de conversa do grupo C. Nos momentos em que o grupo ficava no parque aquático, eles tomavam banho de mangueira e a professora fazia a brincadeira da chuinha. Neste dia, na roda, ela perguntava a eles o que não podia faltar no “quintal” que eles estavam montando para o Projeto. Uma criança citou uma árvore com caju, e a professora falou que a árvore que dá

caju se chama cajueiro. Então outra criança falou: “eu quero uma mangueira” e imediatamente uma terceira criança falou: “mangueira é a árvore que dá chuvinha”. Essas situações de aprendizado, de comportamento, de associações de palavras e experiências, eram muito motivadas pela brincadeira e estavam muito presentes na Escola Manuel Gonçalves da Costa.

Fotografia 01 – As brincadeiras: Grupo C. Lego no parque aquático, 2015.



As brincadeiras dirigidas realizadas tinham um propósito que ficava bem claro, em todos os grupos: Trabalhar o cuidado com os corpos – próprio e do outro; as relações interpessoais; e os sentidos.

No grupo D, a Juliane aponta em seu diário de campo:

Quando fiz a disciplina de Educação infantil a docente falava bastante da importância da brincadeira na vida escolar e lá observei isso. Segundo Borba, as escolas de educação infantil devem proporcionar as crianças espaços de forma que os brinquedos e materiais sejam disponibilizados de forma livre para as crianças com isso apresentando várias possibilidades de construção da liberdade. Isso acontecia diariamente em todos os espaços da escola, as crianças tinham liberdade para usar os brinquedos, fantasias e os espaços de forma livre (Juliane).

A partir dos relatos, percebe-se o quanto o brincar é a maneira que a criança encontra para satisfazer suas necessidades básicas para o desenvolvimento, e também como uma forma de estar em sintonia com o outro.

Corsino (2008) traz a percepção da criança como um ser cultural, com forma

única de agir e pensar sobre o mundo. O espaço e o tempo para o brincar são o caminho para ela conhecer e transformar o mundo em que vive. O brincar é um direito, segundo o texto, pelo fato de que através da brincadeira os direitos fundamentais podem ser alcançados. A autora cita Vygotsky, afirmando que para ele a brincadeira é o caminho pelo qual a criança cria esquema e ressignificado.

Fotografia 02 – As brincadeiras: pátio. Grupo D, 2015.



Logo, criança deve ter esse espaço garantido para o brincar na educação infantil. Segundo Times (2001), a criança entra cada vez mais cedo nos espaços de EI. Por essa razão, esses espaços devem garantir, em suas propostas e ações, que essas necessidades sejam garantidas. O brincar deve ser ferramenta presente para o auxílio na garantia desses direitos.

Fotografia 03 – As brincadeiras: elásticos. Grupo D, 2015.



Outro ponto interessante do relato da estagiária Juliane sobre o grupo D, é com relação ao brinquedo, com livre acesso e grande diversidade.

Com relação ao brinquedo, Corsino (2008) afirmando que este é um objeto de cultura e tem relação direta com o contexto, e que na EI podem trazer muitas possibilidades. Ele permite o brincar coletivo, na medida em que ocorre a divisão, podem ter distintos significados, usos e possibilidades. Atenta para o fato do brinquedo ressignificar a vida real. Uma criança negra, por exemplo, deve ver-se representada nos brinquedos. Também aponta que o brinquedo é uma excelente aposta, na medida em que ele permite a ludicidade e o desenvolvimento, e que ao brincar, a criança constrói sua cultura lúdica.

Times (2001) também aborda a questão do brinquedo, afirmando que o mesmo tem a princípio função importante para o comando da ação. Mas que, com o passar do tempo, ele perde sua função, pois o significado da ação passa a determinar o significado atribuído aos objetos. É nesse momento que a ação passa a surgir das ideias, anteriormente, assimiladas pelo objeto. Este passa a dar espaço para a fala, mediadora deste processo de separação objeto-pensamento.

Por essa razão, o brinquedo torna-se importante na organização do espaço interno e na organização do projeto educativo, visto que é um material de suma importância para o desenvolvimento da criança, já que desencadeia a ação dela, quando elas exploram esses brinquedos, sozinha e sob a orientação do professor e, conseqüentemente, constroem conhecimentos e descobertas.

Por fim, para a concretização do brincar, o papel do professor de EI neste momento é crucial. Um professor que brinca com seus alunos mostra para eles que é o brincar. Carmen e Kaercher (2001) apontam muito bem este fato, quando afirmam que “É comum ouvirmos queixas de pais, mães e educadores/as que as crianças hoje em dia não sabem mais brincar [...] Pergunto: quem para brincar hoje com as crianças? Quem as ensina a brincar?” (p.101).

Devemos como educadores perceber-nos como mediadores, como aqueles que envolvem e convidam as crianças para brincar. Mas se nós não dominarmos essa arte, não saberemos como transmiti-la.

Na Escola Manuel Gonçalves da Costa, as professoras brincavam com os grupos.

Não a todo instante, até porque queriam que estes brincassem também entre si. Mas não havia cerimonia em sentar-se no chão e brincar com as crianças.

As estagiárias foram indagadas sobre a questão do brincar para o desenvolvimento e responderam que:

Todas as atividades eram brincadeiras e eu considero que esse tempo é precioso para eles. Sim essas brincadeiras são muito importante, pois eles aprendiam a cuidar do seu próprio corpo, do corpo do amigo, aprendiam a respeitar regras e a vez do outro entre outras coisas importantes. (Juliane, grupo D)

Durante o tempo em que estive com eles, percebi a importância dessas brincadeiras no desenvolvimento global das crianças, bem como pude presenciar este desenvolvimento. Foi emocionante ver como eles desenvolveram a fala, a coordenação, a percepção, enfim, muitas das brincadeiras observadas ganharam sentido. (Alessandra, grupo B)

Esses depoimentos nos fazem refletir do quanto o brincar, as brincadeiras e o brinquedo devem estar presentes na rotina e nos espaços da educação infantil, pois, segundo Corsino (2009):

O ato de brincar e as brincadeiras representam para muitos autores a possibilidade de as crianças se desenvolverem e por meio deles a criança aprende a conhecer e a atuar no mundo que a rodeia. Assim, as instituições voltadas para as crianças devem levar em conta a maneira como a criança brinca, suas preferências, pois estas indicam uma produção de sentidos e ações. Nesse contexto, é fundamental reconhecer as diferenças e as especificidades, a importância da disposição do lugar e do material, bem como a atitude dos profissionais... (CORSINO, 2009, p. 44-45).

Considerações Finais

O presente estudo procurou pensar a importância do planejamento de espaços, rotinas e brincadeiras no primeiro segmento da Educação Infantil, como meios para o desenvolvimento.

Através das vivências das estagiárias foi possível pensar nesta premissa, e perceber o quanto na Escola Manuel Gonçalves da Costa, o planejamento de espaços, rotinas e brincadeiras, estão presentes e interferem no desenvolvimento das crianças.

As estagiárias entrevistadas para essa pesquisa foram perguntadas sobre como avaliariam, de forma geral, o Desenvolvimento geral (motor, cognitivo e socioafetiva) no grupo o qual observaram. E contaram que:

De forma geral achei que o desenvolvimento motor e cognitivo dentro do que costumamos ver nessa faixa etária ou até mesmo bem avançada. Todos se expressavam bem. Já o sócio afetivo tínhamos alguns conflitos diários, mas nada além do esperado para um grupo de crianças convivendo juntos o dia inteiro (Juliane).

Fiquei apenas 3-4 meses com eles. Acho pouco tempo, mas pude observar algumas coisas. Crianças desfraldaram nesse meio tempo, uma ficou mais sociável, quando cheguei ela chorava muito, nas aulas de corpo foi legal ver como alguns estavam cada vez mais corajosos e “arriscando” mais com o próprio corpo. Uma das coisas que mais gostei foi poder ver em cada uma daquelas crianças o desenvolvimento da sua personalidade, como cada um se destacava em algo suas sensibilidades (Edna).

Durante o tempo que estive com eles, percebi a importância das brincadeiras e das rotinas, o quanto influenciaram no desenvolvimento global das crianças, bem como pude presenciar esse desenvolvimento. Foi realmente emocionante ver como eles desenvolveram a fala, a coordenação, a percepção, enfim... (Alessandra).

O grupo o qual observei não foi muito diferente. Tive e tenho muito contato com crianças pequenas, e o grupo observado de fato me espantou. Crianças articuladas, espertas, curiosas e indagadoras, que dialogavam para solucionar problemas, que lidavam bem umas com as outras e que me encantaram com as diversas perguntas que me deixavam sem resposta. O desenvolvimento que presenciei durante minha breve estadia com eles foi encantador e muito significativo, principalmente no que diz respeito as áreas socioafetiva e motora.

A fala final de todas resume muito a premissa inicial desta pesquisa, que serviu

como um primeiro estudo para o meu caminho no pensar nas questões de espaços, rotinas e brincadeiras na EI.

Os espaços da Escola Manuel Gonçalves da Costa extremamente pensados, abarcando as individualidades grupais nos espaços de sala, assim como as competências necessárias para os grupos de Educação Infantil, foram cruciais no processo de desenvolvimento dos grupos. Esses espaços com ambientes e materiais idealizados de forma a desenvolver a criança plenamente, tanto nas dimensões físicas, quanto nas dimensões psicossociais e o explorar de espaços externos da escola, só auxiliam no desenvolvimento a medida que a partir deles a criança é apresentada ao mundo, aos sentidos, as cores e a vida.

Para o maior aproveitamento desses locais, uma rotina bem elaborada, flexível e que abarque as individualidades grupais também é elemento fundamental. Pensar nessa rotina, é pensar nas experiências que cada momento propicia a criança, desde os projetos, nos quais engloba-se os interesses grupais, até as atividades livres, nas quais as crianças fortalecem as interações e descobertas através da exploração do espaço. Durante a pesquisa, foi possível perceber o quanto a Escola Manuel Gonçalves da Costa valoriza na rotina as atividades livres, como um momento em que a criança descobre-se e explora o mundo ao redor.

Por fim, as brincadeiras da escola observada, eram pensadas em todos os momentos. Os espaços eram aconchegantes para o brincar, assim como eram repletos de brinquedos, nas atividades de sala, no pátio e no parque aquático as crianças podiam brincar. Isso é importante, pois através das brincadeiras surgiam os projetos da escola, assim como as principais questões trabalhadas no cotidiano das aulas.

A proposta dessa pesquisa não era ater-se somente a importância desses três componentes – brincar, rotina e espaços – tão pouco tornar a experiência e as narrativas da Escola Manuel Gonçalves da Costa como fatores determinantes no exercício de pensar da questão inicial do trabalho. Esta pesquisa serviu para iniciar a indagação sobre esses três fatores, como uma maneira de aprimorar o exercício da docência em Educação Infantil.

Referências Bibliográficas

- BARBERÀ, Elena et al. **O Construtivismo na prática**. Trad. Magda Schwartzsupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2004. 175p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** – Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. 2002, n.19, pp.20-28.
- BUARQUE, Chico. Nara Leão – **João e Maria**. Meus amigos são um barato. SP: Philips. 1977. 1 LP
- CORSINO, Patrícia (org). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. 152p.
- _____, Patrícia. **Pensando a Infância e o Direito de Brincar**. In: BRASIL, Ministério da Educação. Salto para o futuro. Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas - 2ª edição. 2008.
- CRAIDY, Carmem M. & KAECHER, Gládis E.P. da Silva. **Educação Infantil: Pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 164p.
- DICIO, Dicionário Online Português. **Espaço: Significado de Espaço**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/espaco/>>. Acesso em: 02/09/2016.
- GONZAGUINHA. Maria Rita – **Redescobrir**. Redescobrir. SP: Universal Music Brasil, 2012. 1CD.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 119p.
- JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Self-Transformation thought narratives of live stories**. Porto Alegre/RS: ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez.2007.
- PENSADOR. Frases e Poemas: Carlos Drumond de Andrade. Disponível em:

<<https://pensador.uol.com.br/frase/NjI2MzYw/>>. Acesso em: 02/09/2016.

PINO, Angel.. **A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação.** Psicologia USP, vol. 21, núm. 4, outubro-diciembre, 2010, p. 741-756

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação/** Teresa Cristina Rego. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 1995.

SAMUEL, Rosa; AMARAL, Chico. Samuel Rosa – Mil Acasos. Carrosel. BH: Sony Music. 2006.1 CD

TIMES, Elizabeth; TUNES, Gabriela. O adulto, a criança e a brincadeira. In: INEP. **Em Aberto – Educação Infantil: a creche, um bom começo.** Brasília, vol. 18, 2001.

VELOSO, Caetano. Caetano Veloso – **Oração ao tempo.** Cinema Transcendental. SP: Verve, 1979. 1 LP.

Anexo A: Entrevista com estagiárias

QUESTIONÁRIO

Amiga discente e companheira de curso:

Estou desenvolvendo minha monografia com o tema: Como se fora brincadeira de roda... A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, ROTINA E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Caminhos para o (re)descobrir da infância. Reflexões sobre a experiência de estagiárias da UNIRIO no Estágio Supervisionado.

Este questionário destina-se a coleta de dados para o desenvolvimento desde trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Para tanto conto com sua colaboração, desde já agradeço.

Atenciosamente,
Maria Clara de Sá Carvalho.

DADOS DO ESTAGIÁRIO.

Nome: _____

Período: _____

I - Dados do Grupo observado.

Faixa Etária: _____

Quantitativo de crianças: _____

II – Com relação aos espaços da escola.

1. Eram espaços adequados ao atendimento das crianças?

() Sim

() Não

2. Como a turma observada aproveitou esse espaço? Quais as atividades realizadas pela professora nesses espaços?

3. Como você avalia, de forma geral, os espaços voltados para o atendimento a essas crianças? Esses espaços são importantes para o desenvolvimento infantil?

III – Com relação a rotina do grupo/turma.

1. O grupo/turma possuía um horário fixo da semana?

() Sim

() Não

2. Havia flexibilidade com relação a esse horário/rotina?

() Sim

() Não

3. As atividades da rotina eram diversificadas?

() Sim

() Não

4. Como o grupo/turma recebia essa rotina?

5. Como você avalia, de forma geral, a rotina voltada para o atendimento a essas crianças? Essa rotina é importante para o desenvolvimento infantil?

IV – Com relação as brincadeiras realizadas.

1. O grupo observado brincava?

() Sim

() Não

2. As brincadeiras eram.

() Livres.

() Dirigidas.

() Livres e dirigidas.

3. Como você avalia, de forma geral, os momentos voltados para a brincadeira nesse grupo de crianças? Essas brincadeiras são importantes para o desenvolvimento infantil?

V – Com relação ao desenvolvimento do grupo/turma.

1. Como você avalia, de forma geral, o Desenvolvimento geral (motor, cognitivo e socioafetivo) nesse grupo de crianças?

Anexo B: Fotografias

Fotografia 04 – As rotinas: aula de música Grupo A, 2015.



Fotografia 5 – Grupo D: Explorando fora da escola – Jardim Zoológico, 2015



Fotografia 06 – As rotinas: aula multimídia Grupo C. Momento contação de histórias, 2015.



Fotografia 07 –As rotinas: aula de artes Grupo C. Trabalhando o projeto, 2015.



Fotografia 08 – Os espaços: o parquinho Grupo B, 2015.



Fotografia 09 –As brincadeiras: projeto Brincadeiras de quintal. Grupo C, 2015.



Anexo C: Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome.

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
Centro de Ciências Humanas e Sociais.
Escola de Educação.
Departamento de Didática.
Autorização de Uso de Imagem, Voz e Nome.**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, voz e nome, além de todo e qualquer material, entre entrevistas e diários de campo por mim apresentados, para compor o trabalho de conclusão de curso intitulado *“Como se fora brincadeira de roda... A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, ROTINA E BRINCADEIRAS PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Caminhos para o (re)descobrir na infância. Reflexões sobre a experiência de estagiárias da Unirio no Estágio Supervisionado”*, e que estas informações sejam destinadas à divulgação ao público em geral.

A presente autorização abrange os usos anteriormente citados em mídia eletrônica, Banco de Dados da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sem qualquer ônus.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2016.

Assinatura
